

DO NARRADOR NO ROMANCE A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS E DE COMO ESTE TERIA RAPTADO O LEITOR CONTEMPORÂNEO.

Prof. Dr. Cristiano Jutglá¹
Solineide Maria de Oliveira²

Do leitor e da leitura

Lemos para nos encontrarmos. Noutra análise, diríamos que lemos porque precisamos ver palavras que gostaríamos de escrever. Certa vontade de ver nossas palavras impressas por aí, ganhando força, coragem e sentido. Acrescendo e saindo cada vez mais para além de nós, como se quiséssemos alcançar outras esferas. Nesse caso, ler seria passar a existir. E este sair de nós não significaria sumir de nós, antes, estabeleceria contato conosco, com nossas maneiras de pensar e ser e estar no mundo. Com nossos múltiplos modos de enxergar o mundo.

O leitor de *A menina que roubava livros* não tem definição específica. São muitas pessoas, de variadas classes sociais. É aquele que vai para o trabalho de carro, é o que vai a pé, é, ainda, aquele que pega a lotação abarrotada. E este público, varia de idade igualmente, são adultos e jovens. São acadêmicos e gente que estuda, ainda, ensino médio e cursinhos, donas de casa (que não trabalham fora), rapazes solteiros, casados, viúvos, enfim, um grande público leu (e lê) esta obra.

Quais são os elementos que levaram e levam tão grande número de pessoas a lerem um livro? Um livro que, para um analista incauto, não teria chance de se tornar tão bem aceito. Quebremos um pouco o caminho, depois voltamos. Falemos sobre a questão da tendência, que existe, mas que não delibera, por exemplo, se um livro agrada. Existem lançamentos que foram fiascos de vendas, apesar de muita propaganda e campanha.

¹ Orientador – Professor Doutor em Literatura Brasileira pela USP/SP e Professor de Literatura Brasileira/UESC.

² Aluna do VII semestre do Curso de Letras/UESC – Bolsista do CNPq.

Conforme relata Benjamin (1985, p. 132), em *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*, “a tendência é uma condição necessária, mas não suficiente, para o desempenho da função organizatória da obra”. O escritor não sabe, *a priori*, o destino de seu livro: será o primeiro da lista? Lógico que a tendência é buscar isso, mas há uma espécie de acontecimento transcendente à tendência: o leitor.

No caso da narrativa *A menina que roubava livros*, parece, tal movimento parece adquirir mais força, porque os livros mais vendidos no mesmo período do lançamento desse romance não trazem muita novidade. Então alguém perguntaria sobre *A menina que roubava livros*: que novidade há na guerra de Hitler? Tudo parece ter sido escrito, consumado e aborrecido o suficiente. Parece...

De fato tal assunto já foi mastigado o suficiente, o extremo da injustiça numa guerra que gerou fome, tristeza, solidão, temor e falta de esperança. Mas quem está dessa vez tal contando a história? Pode-se sugerir que o narrador seja A Morte. Faz sentido. Traz a primeira luz ao que parece assombrar o terreno de nossa dúvida acerca de um motivo para o sucesso desta obra.

O que a tendência saberia desse encantamento do leitor? Nada talvez. Ainda mais, desse leitor contemporâneo, que se apressa pelos corredores dos túneis em seus carros, que se acelera para pegar o ônibus caro e ruim, que mal dormem, mal ouvem, mal veem. Mas que leem. E, parece, querem estar encantados com alguma coisa na leitura, não apenas anseiam uma boa história de amor, com início, meio e fim. Nem desejam o óbvio da caça aos vampiros somente. Nem aceitam que no fim de tudo a morte nos espera, e que o fim pode ser uma guerra.

Supostamente, o fim do mundo para esses leitores seria perder a possibilidade do encantamento com novas palavras, ainda que por meio de uma história antiga e com palavras que acolham e recolham. Que, ao mesmo tempo, possam lhes dar possibilidade de vislumbrar que, apesar das tentativas, histórias sempre podem ser ditas de maneira distinta. Para esses, uma guerra pode até ser horrorosa, matar milhões, tirar a esperança, mas

haverá sempre o recontar da história. E tal recontar pode acender vidas e ascender almas.

A menina Liesel, nesta história, rouba livros. Não são livros fáceis, não são histórias que se digam sedutoras para meninas. Sobretudo para meninas, na guerra. Ou seriam as melhores? Liesel “rouba” primeiro *O Manual do Coveiro*, depois *O Dar de Ombros* e o *Fuhrer*. Livros que tratam de morte, mas que sugerem o como podemos enterrar o medo e não nos deixar atingir por uma figura disforme na alma, um louco que não teve boa infância. Os livros foram escolhas de Liesel. Por que essa literatura? E por que livros, já que ainda não sabia ler?

Ela aprende devagar com seu pai adotivo, Hans, e seu amigo judeu, Max. *O Manual do Coveiro* teria sido a cartilha de Liesel. Com ele, Hans lhe ensinaria a grafia das primeiras palavras. Liesel aprende a ler e a escrever com um manual que lhe ensina a enterrar. Verbo que certamente entenderá como ninguém, como se praticar. Tal literatura além de servir para o aprendizado do ato de ler e escrever, também nos poderia indicar fazer-se necessário enterrar assuntos mexidos e remexidos à exaustão, mas que teriam de serem digeridos apropriadamente. Porque é necessário digerir as coisas, inclusas as literaturas. Visto que senão, tudo pode ser engolido, e, dessa maneira, a digestão nunca aconteceria adequadamente.

A sua “cartilha”, *O Manual do Coveiro*, orientaria Liesel naquele terrível momento de perdas e danos. Seria uma espécie de mensagem, que Liesel antecipa para o leitor de sua saga: *olha, é necessário aprender a ler as perdas e enterrá-las bem, para que sejam menos perturbadoras.*

Seria possível sugerir outra mensagem, dentre tantas que vão surgindo. Liesel queria escolher; ao menos a literatura que viria a ler, a que fizesse mais sentido para ela, sobretudo naquele momento. Que alcançasse o universo das respostas de que necessitava. Ela não queria que lhe sinalizassem tal escolha, determina-se a fazê-las pessoalmente.

Dar rumo, outra maneira de sair de um lugar, ainda que inserido naquele contexto. Em geral, é assim que as pessoas começam suas revoluções íntimas, no sentido de mudarem seja lá o que desejem mudar. No

caso de Liesel, seria preciso, em primeiro lugar, enriquecer-se de alguma coisa. Sua alternativa foi a Literatura. A fala de um metalúrgico citada por Ecléa Bosi em sua pesquisa *Cultura de Massa e Cultura popular – leitura de operárias* (2001) nos ajudará a concluir este parágrafo: “É preciso algo que enriqueça a vida e o trabalho que era belo e ficou feio”.

Por que uma menina que rouba livros tem o poder de seduzir leitores? Ainda mais um motivo se nos apresenta: porque nada é de graça. A mensagem fundamental na vida de todo ser. Nada está pronto, acabado e modelado, faz-se preciso buscar as coisas; buscar mudar as coisas, como bem se referiu o metalúrgico acima aludido, e, muitas vezes, ter a ousadia de continuar buscando mudá-las, ainda que em condições muito hostis. Eis mais um motivo para buscá-las: a hostilidade de onde se encontra o indivíduo. Quem traz ao leitor tal mensagem é uma menina que, a princípio, pode parecer frágil, fragilizada, atônita, mas que se mostra o contrário com o desenrolar da história. Se uma menina pode fazer sua vida andar “apenas” lendo, numa guerra, num frio horrendo, passando fome, sentindo medo, o que outros em condições melhores não poderiam conseguir fazer?

Um poema, segundo Mário Quintana, pode salvar uma vida. Neste caso, o poema seria a vida de Liesel sendo salva por conta de suas leituras, ao passo que o poema de sua vida vai sendo elaborado, como nesses ensaios de grandes obras teatrais. No caso da menina, as palavras seriam tudo: as pessoas, suas vidas, seus lugares, já o ambiente seria um que não conforma ser aquele: eis a narrativa Liesel dentro da narrativa *A menina que roubava livros*.

Em *Como e por que ler*, Bloom (2001, p.21) diz que “lemos em busca de mentes mais originais do que a nossa”. De fato, lemos por esse intento também, seria um dar luz à sombra que nos ocuparia a metade do tempo nessa *agoridade fulminante*. Supõe-se que atualmente é tudo para este exato momento: senão não pode ser, é tudo ato contínuo, mas não bom o suficiente, tudo muito cansativo... Então lemos porque buscamos o belo, e o belo não está dando sopa por aí, para usar uma expressão fácil, mas recôndito feito bicho raro, feito uma cortina invisível. O fim do mundo seria

esse não mais se espantar com a demora em encontrar o belo, pior, seria nem saber se ele existe de fato.

“Lemos romances como um tratamento contra a inércia” (BLOOM, 2001, p.176). Também mas supõe-se que a leitura ocorre, para, além disso, como uma atitude de o homem ser lido por si próprio, já que, hipoteticamente, ele não tem sido lido pelos outros. A leitura das necessidades do ser, enquanto ente, não estaria sendo efetuada, não estariam querendo fazer a leitura das idiossincrasias do indivíduo. É como se o indivíduo indivíduo passasse a ser literatura sem muita importância. Existir não seria garantia de codificação da existência do ser que se é. Far-se-ia necessário então, ler, para se sentir vivo.

Surge, ainda, outro evento: Liesel escreve sua história. Seria uma mensagem que esta menina estaria a trazer: a de que se não estão lendo você, como ser humano, gente, passante, transeunte, alguém, alguma coisa que vive, além de apenas existir, escreva sua história...

Pode-se entender mais; talvez Liesel tenha dito ser necessário escolher a literatura de cada dia e sugere que essas escolhas devem acontecer antes mesmo de tê-las aprendido.

Na história da humanidade a leitura acontece há muito tempo. Nossos antepassados liam os céus e faziam suas interpretações, as estrelas, as luas, as águas e o vento. Faziam leituras apalpando o sentido, sobretudo, vivenciando e sentindo o sentido. Sabe-se que esse tempo já se faz distante, mas até hoje ouvimos falar de homens que vivem distante da humanidade que leem romances impressos em papel. E por que falar desses que leram tudo, menos romances impressos? Porque precisamos investigar o motivo de lermos, e o motivo de lermos determinados livros. Bloom (2000, p. 15) afirma:

Literatura de ficção é alteridade e, portanto alivia a solidão. Lemos não apenas porque, na vida real, jamais conheceremos tantas pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir, em decorrência divergências, do tempo, dos desafetos da vida familiar e amorosa.

Ler seria encontrar-se em outros, passeando nas páginas de um livro, talvez melhores, talvez piores, talvez idênticos. Ler seria, ainda, sentir as mesmas emoções que se sente, dessa vez, sem a ânsia da realidade, sem o temor concreto. Ler estaria indicando a necessidade de leitura do indivíduo de si para consigo mesmo, porque em geral, acaba-se encontrando na ficção uma porção de sentimentos e emoções similares aos de todo ser humano.

Lê-se também para se conhecer outras pessoas, e a Literatura traz também esse benefício. Conhecer pessoas que povoarão as vidas daqueles que as tenham lido, que permanecerão na memória desses leitores por longos anos. Diz-se que as amizades “reais” são falhas, todos nós podemos nos cansar “por um, ou por outro itinerário”³, e aí a Literatura surge mais uma vez para salvar o ser da solidão dessas perdas, desencontros, adeuses.

Enquanto o homem há milênios lia as coisas do céu e da terra, nós outros, homens da contemporaneidade, lemos o que se produz incessantemente pelas editoras, presentes em todo o mundo. Ainda mais, o leitor contemporâneo lê hoje, pela internet, pelas ruas; desde o metrô à revista Avon, enfim, há vários livros.

A literatura está circulando a algum tempo por entre este homem de hoje. O problema é que “nos dias de hoje, a informação é facilmente encontrada, mas onde está a sabedoria”? (BLOOM, 2000, p.15).

Na década de noventa havia um chiste que se fazia com os colegas no sentido de desabafar sobre a falta de inovação; então, dizia-se com ar irônico: *eu quero é novidade*. Entender-se-ia melhor tal solicitação, hoje, porque nela se lê um pedido de socorro por uma revitalização dos acontecimentos. Como se a intenção fosse a de dizer: *está bem, temos muitas notícias e o que mais?* Seria o mesmo sentimento com a recepção de um livro: *está bem, temos um livro e o que ele me diz?* Ele adiciona ou apenas repete eventos. Cadê a sabedoria? Cadê a novidade? O que essa leitura vai trazer que seja de fato relevante? Onde está a magia?

³ Verso do poema *Corpo*, do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

Apropriar-se de um livro é diferente de comprá-lo. A leitura é que vai dar vida àquele ato. Enquanto o objeto livro permanece na estante, ele não terá vida. Cavallo e Chartier perceberam isso e mais, vislumbraram que

os autores não escrevem livros: não. Escrevem textos que se tornam objetos escritos manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes (CAVALLO, CHARTIER, 1998, p. 9).

Pois bem, temos então, o objeto livro *A Menina que roubava livros*: uma obra publicada em 2006 por Marcos Zusak, e lançado no Brasil em março de 2007, pela Editora Intrínseca. Manteve-se em primeiro lugar de vendas em muitas listas de vendas de livros do Brasil, com inclusão da tradicional lista do Jornal Folha de São Paulo. Isso entre 2007 e 2008, mas a presença desse título foi até abril/maio de 2009, quando saiu e entrou da lista de mais vendidos, dessa vez, ocupando colocações mais distantes que foram do quinto ao décimo segundo lugar.

Em três renomadas revistas pesquisadas, a apresentação e recomendação do volume aparecem em palavras marcadas pela boa síntese ao leitor, por uma cuidada expressão peculiar. Em uma delas, há o comentário de que esta obra teria a finalidade de entreter jovens e adultos:

Livro de ficção mais vendido de 2008 – conforme se vê no ranking desta página, elaborado a partir de dados de editoras e livrarias –, *A Menina que Roubava Livros*, do australiano Markus Zusak, confirma uma tendência inaugurada com a série *Harry Potter*, de J.K. Rowling: o sucesso de livros juvenis que também conseguem conquistar leitores adultos (em 2007, o primeiro lugar na categoria foi *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, com o livro de Zusak em quarto lugar (VEJA – edição 2094. Editora Abril, São Paulo, Janeiro de 2009).

Não diferentemente se deu nas listas de mais vendidos de alguns blogs, nas quais os internautas adeptos da Literatura criam e circulam suas listas de favoritos. Nesses, as opiniões favoráveis ao livro se mostraram, pela pesquisa realizada, unânimes, por vezes, expressos em relatos muito emocionados, como, por exemplo: “*Há muito que uma história não me arrepiava tanto*”.⁴ Em sites também houve grande repercussão da obra,

⁴ (Comentário de André Gazola, recolhido do Blog [http://www.lendo.org/a-menina-que-roubava-livros/acessado em 19/08/2009](http://www.lendo.org/a-menina-que-roubava-livros/acessado%20em%2019/08/2009)).

muitos deles, trazendo sínteses numa linguagem embevecida de poesia, de encantamento mesmo. Em todos, pode-se perceber que o fato de a Morte ser o narrador, confere ao livro a novidade que faltava nos dias atuais, nos quais tudo é descartável, efêmero.

No volume *A Menina que roubava Livros* pode ser encontrado: a Morte, uma menina e livros. Se como cenário vemos o desenrolar de uma guerra que atingiu o mundo e matou muitos judeus, falta de esperança, ambiente devastado, triste, frio e feio, temos, por outro lado, amizade, redescobrimto dos sentidos das palavras e das coisas. E a Morte, essa Morte que, embora vejamos, como de costume, terrível, tétrica, devastadora, traz a novidade de permitir o amor.

DO NARRADOR, E DO NARRADOR NO LIVRO A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS

O narrador é entidade que conta a história. Diríamos que esta figura sempre existiu, porém entre ouvinte e história, desde tempos imemoriais. “No decorrer da história, porém, as histórias narradas pelos homens foram se complicando” [...] (LEITE, 1985; p. 5) O narrador começa a se ocultar, atrás de outros narradores, a se diluir no enredo, até virar uma entidade quase despercebida.

Vieram os livros e o narrador ainda estaria presente, mas de maneira a não se intrometer na trama. Segundo BENJAMIN (1985), “a experiência de narrar está em vias de extinção”, ou seja, algo previsto por Benjamin, baseado na ideia de que “a faculdade de intercambiar experiências” se vai enfraquecendo, supostamente por conta das (r)evoluções midiáticas. Não se conta mais o que se via e se vê, porque tudo estaria chegando via algum canal: rádio, jornal, televisão. Hoje não se conta mais, como em Leskov⁵ que, para Benjamin, seria o último bom narrador de histórias.

Pode-se dizer que *Machado de Assis* concebe o reaparecimento do narrador, de forma a fazê-lo vivo (embora morto), em *Memórias Póstumas*

⁵ Escritor russo, autor de *Uma família decaída* (1867) e a *Mulher belicosa* (1866) dentre outros.

de Brás Cubas. Porém, o que lemos ali são memórias de um morto, que, em espírito, narra suas aventuras e desventuras.

Com relação ao narrador de *A menina que roubava livros*, o que se nota é que estaria vivo, apesar de se tratar da Morte. E uma Morte experienciadora de ações que teria presenciado, não apenas as suas, mas as de outros. Tal narrador teria efetivamente, como diz BENJAMIN (1985, p. 198), a “faculdade de intercambiar experiências”. Ou, de forma poética, ZUSAK (2007, p. 8):

Primeiro as cores.
Depois os humanos.
Em geral é assim que *vejo* as coisas.
Ou, pelo menos, é o que tento.
Eis um pequeno fato.
Você vai morrer. (grifo nosso).

Walter Benjamin sugere que o bom narrador deve experienciar (1985: p. 197), por isso narrar não seria o mesmo que contar, mas interpretar sua experiência e a de outros. E o bom narrar seria, ainda, contar algo como se estivesse estado lá. Talvez isso é que proporcione à narrativa a característica fundamental do bom narrador.

Nesse sentido, o narrador de *A Menina que roubava livros* é primoroso, pois, sendo a Morte, esteve presente em todos os episódios que narra: ela (a Morte) é nada mais, nada menos, que a personagem principal da trama em todas as guerras e, em específico, na narrativa de que ora tratamos.

A história acontece na guerra de Hitler, momento do holocausto. Dessa forma, saberia este narrador precisamente como tudo acontece, sem tirar nem pôr uma vírgula sequer. Pode-se dizer, então, que narrador assim seria duplamente sedutor. Seria este um dos motivos do grande sucesso da obra? Um narrador *sui generis*, como poucos? Se assim é, infere-se que sua narrativa se compromete e se confunde com informação, mas nem por isso pobre, nem empobrecedora, como ocorria em Leskov.

BENJAMIN (1985, p. 198) defende que *ir, estar lá* deixa de ter tanta importância nas narrativas de fim de século e que, por isso, o narrador como conselheiro vai desaparecendo. Porém, eis que reaparece um narrador

aconselhando, refletindo e chamando à reflexão: a Morte em *A menina que roubava livros* seria um dos motivos do sucesso do romance de Zusak. Esta obra teria sido tão bem acolhida porque o conselho reaparece num espaço-tempo por demais cibernético, frio, opaco. Tempo-espaço habitado por seres fragilizados e solitários. Portanto, tal narrador é que acaba por ocupar o lugar de um conselheiro convencional, como se vê na seguinte passagem:

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas para mim, está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e entonações, a cada momento que passa. Uma só hora pode consistir em milhões de cores diferentes.
(ZUSAK, 2007, p. 9).

Talvez por isso é que um homem que trabalha doze horas por dia, sol a pino, trocando canos de instalações de esgoto, comece a ler um livro que encontra em cima do televisor da mãe (digamos: no seu horário de almoço) e não desgrude mais dele? *A menina que roubava livros* tem sido elemento essencial para essas e outras pessoas acessarem o mundo da leitura. E de tal maneira que se torna inspirador localizar motivos que expliquem tal acontecimento.

Em suma, trata-se da história de uma menina que vive na Alemanha em tempos de guerra, em meio à pobreza total, frio total, que perde um irmão para a Morte e tem uma mãe doente que a leva para adoção. Uma família pobre a adota e, em certa ocasião, esconde um judeu no porão. Mas eis que essa quase miserável continua a ser contada por um ser inusitado: a Morte.

Mas que Morte é essa que se apresenta? Eis a questão: uma Morte quase amiga, quase humana, quase viva. Quem teria medo de morte assim? E é intelectual e seria ainda bem humorada se o ambiente fosse outro. Ainda assim, arrisca suas anedotas, porque tece reflexões quase risíveis e outras muito profundas sobre o ser em geral, e o *humano* em particular.

Morte tão quase viva que respira: “Lembro-me claramente de que estava respirando alto nesse dia” (ZUSAK, 2007, p. 11). Quem teria medo de morte assim? Afora o humor, a ironia:

O problema é: quem poderia me substituir? Quem tomaria meu lugar, enquanto eu tiro uma folga em seus destinos-

padrão de férias, no estilo resort, é claro, é ninguém, o que me instigou a tomar uma decisão consciente e deliberada – fazer da distração as minhas férias. Nem preciso dizer que tiro férias à prestação. Em cores (ZUSAK, 2007, p. 9).

Assim é que o narrador contribui muito e muito para o sucesso dessa história. Morte que se emociona e que emociona; Morte que, para contar uma história, apresenta-se com personalidade: “– Uma apresentação. Um começo. Onde estão meus bons modos”? Morte que gosta de cores e sabores, que aprecia as coisas bonitas e esbanja cordialidade: [...] “Basta dizer que em algum ponto do tempo, eu me erguerei sobre você, com toda cordialidade possível. Sua alma estará em meus braços”. (ZUSAK, 2007, p. 8).

Vemos ser *A Morte* e não uma morte qualquer. Ora, sendo uma morte assim cordial, assim educada, assim dessemelhante, definitivamente não seria um narrador qualquer, mas narrador incomum, pois é a Morte que está lá, naquele território cheio de corpos sem vida a serem recolhidos, feito pedaços de tecido sem função. Retalhos que não alcançam mais nenhum tipo de corte destinado a qualquer tipo de modelagem. E assim é que se move a Morte, trabalhando sem cessar. Anote-se que, numa guerra como essa, o que há demais para recolher são corpos sem vida.

A história da protagonista Liesel segue, mas *A Morte* – também é protagonista e narrador – é quem mais trabalha na guerra do Führer. Mas ainda dá tempo de ser poética, até romântica não fosse a Morte:

Pessoalmente gosto do céu cor de chocolate. Chocolate escuro, bem escuro. As pessoas dizem que condiz comigo. Mas procuro gostar de todas as cores que vejo – o espectro inteiro. Um bilhão de sabores mais ou menos, nenhum deles exatamente igual, e um céu para chupar devagarinho. Tira a contundência da tensão. Ajuda-me a relaxar (ZUSAK, 2007, p. 8).

Por que ler um livro onde *A Morte* narra sobre mortes? Mas seria apenas isso mesmo? Pergunta que por si só desencadeia uma série de respostas (ou intuições) plausíveis. Uma delas seria: a Morte é sábia. Traz aquela sabedoria remanescente em nós, homens que fomos e que líamos coisas do céu e da terra. Reminiscências ocultas que nos moveriam a ler tal

narrativa, novidade que parece apagada da memória (*déjà vu?*), que foge no ar, que não sabemos qual nem por quê.

E como ler? Sugestão: devagar, porque Morte não tem pressa, principalmente essa com que deparamos na *Menina que roubava livros*. Essa que respira, que gosta de cores e sabores, que parece leve e que se diz gentil:

Eu poderia me apresentar apropriadamente, mas na verdade isso não é necessário. Você me conhecerá o suficiente e bem depressa, dependendo de uma gama diversificada de variáveis. Basta dizer que, em algum ponto do tempo, eu me erguerei sobre você, com toda a cordialidade possível. Sua alma estará em meus braços. Haverá uma cor pousada em meu ombro. E levarei você embora gentilmente (ZUSAK, 2008, p. 8).

Liesel traz a novidade de amar mesmo tendo sido mal-amada pelo destino pontilhado de perdas e danos. Porém, consegue a proeza de reconstruir seu espírito com ferramentas que parecem muito frágeis: palavras. Apenas palavras.

Recordemos o aforismo “*você vai morrer*” (ZUSAK, 2008, p. 8), rpto, obviamente, que acontece logo; afinal, todos morremos. O menos trivial, o inusitado, no entanto, é dialogar com a Morte sobre as idiossincrasias da própria morte. E aí se inicia uma espécie de narração incomum, visto que o espectro Morte diz não precisar temer nada, porque ela pode ser tudo, “*menos injusta*” (ZUSAK, 2007; p. 8). O narrador é um ser sem sexo, metafísico. Tem trabalho duro, pesado, mas respira ou parece respirar, quando conta ao leitor sobre suas maneiras de levar embora uma alma: “talvez haja uma descoberta, um grito pingará pelo ar. O único som que ouvirei depois disso será o de minha própria respiração, além do som do cheiro de meus passos” (ZUSAK, 2007, p. 8).

O leitor contemporâneo é aliciado, cooptado, “raptado” por essa inusitada Morte-narrador. Não parece pagar resgate algum. Seu desejo é resgatar a si mesmo da mesmice que abunda nas obras atuais. É reencantar-se, é reencontrar-se...

Eis aí (talvez) a razão ou uma das principais entre outras muitas razões do sucesso desse livro, que arrebatou e arrebatou tantas pessoas de

todas as idades, profissões e grupos sociais. Na verdade, a Morte, além de tantas “virtudes”, diverte, ensina e é muito mais popular do que julga nossa vã filosofia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, s/d.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Tradução José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução Marcus Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 10ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHIAPPINI, Moraes Leite. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ZUSAK, Markus. *A menina que roubava livros*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

LAJOLO, Marisa e **ZILBERMAN**, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

Recebido em 29/06/2010.

Aceito em 30/07/2010.